

Psicologia escolar e educacional

Psicologia e educação: a articulação pesquisa-prática no novo milênio

Zilda Aparecida Pereira Del Prette (coordenadora)

Raquel Souza Lobo Guzzo

Sandra Francesca de Almeida

Maria Helena Novaes Mira

Maria Regina Maluf

Sílvia Helena Koller

Célia Vettore

Tania Maria S. de Rose

Albertina Mitjans Martínez

Vera Lucia Trindade Gomes

Ana Cecília de Souza B. Bastos

Tania Maria de Freitas Rossi

Geraldina Porto Witter

GT 6

Os temas pertinentes à interface Psicologia-Educação e, mais especificamente, à Psicologia Escolar e Educacional – enquanto área de atuação do psicólogo – vem sendo objeto de trabalho de diferentes grupos desde o Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP ocorrido em 1989. Alguns grupos deixaram de ocorrer ou se aglutinaram a outros porém, os temas pertinentes a essa interface sempre estiveram presentes nesses Simpósios e geraram encaminhamentos e publicações importantes para a área.

O grupo atualmente constituído compõe-se de vários membros que já trabalharam juntos pelo menos nos últimos quatro simpósios (a partir de 1992), em uma linha de discussão que se direcionou para questões ligadas à formação e identidade do psicólogo, para a proposição de alternativas e modelos de atuação do psicólogo enquanto pesquisador e educador e, mais recentemente, em 1998, para a análise da nova LDB em suas implicações para a atuação do psicólogo no campo da Educação.

Ao longo dos últimos Simpósios, a produção do grupo mais permanente vem sendo publicada em periódicos nacionais ou reunida em livros, ressaltando-se os três últimos trabalhos conjuntos, abaixo relacionados:

Wechsler, S. (1996). (Org.), *Psicologia Escolar: Pesquisa, Formação e Prática*, Campinas: Alínea.

Novaes, M. H. & Brito, M. R. F. (Orgs.), *Psicologia na Educação: integração entre a graduação e a pós e subsídios à prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

Guzzo, R. L. (1999). (Org.) *Psicologia Escolar e a nova conjuntura educacional brasileira* Campinas: Átomo.

Neste próximo Simpósio, considerando-se a temática geral sugerida pela Comissão Organizadora, resolveu-se ampliar o grupo, para incluir outros pesquisadores que vêm trabalhando ativamente na área e cuja contribuição foi considerada muito importante para a discussão do tema específico do grupo: *Psicologia e Educação: A articulação pesquisa-prática no novo milênio*. O objetivo do grupo, neste encontro, é o de gerar encaminhamentos coletivos de pesquisa e proposições para uma praxis mais comprometida com a educação do homem do novo milênio e com a produção dos conhecimentos que devem norteá-la.

Cada um dos participantes irá realizar uma análise (empírica, conceitual, histórica) do produto de suas pesquisas e das aplicações/implicações desses produtos para a formação e a atuação na interface Psicologia-Educação. Além

disso, buscará apontar questões e propostas relevantes para a pesquisa e prática neste novo milênio, considerando os novos paradigmas culturais-científicos, as demandas educacionais brasileiras e a necessidade de consolidação da representação social do psicólogo na Educação. Segue-se uma síntese da contribuição de cada um dos participantes, a partir dos objetos específicos de pesquisa em que cada um vêm investindo.

A Profa. Dra. Raquel Lobo Guzzo abordará os temas *Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: Desafios do novo milênio para a Psicologia Escolar*, articulando a pesquisa de indicadores de proteção e risco no desenvolvimento de crianças em idade escolar e as implicações dessas pesquisas capacitação de professores e profissionais da equipe de apoio para uma eficaz intervenção preventiva no contexto educacional.

A Profa. Dra. Sandra Francesca de Almeida irá examinar a atuação do psicólogo na Educação, a partir de algumas questões, de natureza teórica e prática (possibilidades e impasses) no que concerne à inserção e à identidade profissional do psicólogo, na escola: por que um psicólogo, na escola, neste final de milênio? Ou, ainda, para que um psicólogo, na escola? Ou, o que tem feito o psicólogo, na escola, diante dos impasses da educação, na modernidade? Revendo pesquisas e resultados obtidos até o momento, irá propor uma articulação entre as teorias psicológicas do desenvolvimento e da aprendizagem e a constituição do sujeito e de sua subjetividade, tal como concebidos pela teoria psicanalítica, defendendo essa perspectiva na abertura de novos caminhos para se pensar a formação e a atuação do psicólogo escolar, na contemporaneidade.

A Profa. Dra. Maria Helena Novaes fará uma análise de modelos e paradigmas, utilizados em Psicologia e Educação, referentes ao processo criador e ao desenvolvimento de habilidades e talentos, propondo alternativas de atuação para pesquisa e a prática no contexto sócio-cultural do terceiro milênio.

A Profa. Dra. Albertina Mitjans Martínez apresentará uma revisão da pesquisa atual na área da criatividade e suas aplicações na educação. Será feita uma análise crítica da utilização dos resultados das pesquisas no delineamento de estratégias educativas e especialmente das barreiras que impedem avanços mais significativos nesta área. A partir dos trabalhos de pesquisa e de intervenção da autora levantará hipóteses sobre as vias que podem ser mais efetivas para consolidar a relação pesquisa-prática educativa e discutirá o papel e a responsabilidade do psicólogo em trabalho interdisciplinar nesta direção.

A Profa. Dra. Célia Vettore abordará as pesquisas pertinentes à problemática do período pré-escolar para o desenvolvimento da criança e a importância que assumem as instituições infantis (creche/pré-escola) como locais fomentadores de tal desenvolvimento, destacando aspectos mediacionais do comportamento de mães e educadoras para o desenvolvimento da criança: o papel do vínculo e a relação família e serviços de atendimento à criança pequena. As aplicações práticas das pesquisas realizadas buscam a criação de um modelo de intervenção psicológica em instituições infantis.

A Profa. Dra. Tania de Rose focalizará a questão do sucesso acadêmico de crianças de risco e os programas de intervenção voltados para a prevenção e remediação de problemas de aprendizagem no Ensino Fundamental. Fará uma síntese das questões de pesquisa que vêm procurando responder e das possibilidades de implementação e avaliação de programas complementares de ensino – em particular de leitura – no contexto de escolas públicas brasileiras. Destacará pesquisas recentes com o programa *Reading Recovery* e os resultados já obtidos bem como a necessidade de novas pesquisas de análise e avaliação das condições requeridas para a implementação sistemática de tais programas e de identificação de variáveis relacionadas à compreensão de leitura e à construção de instrumentos de avaliação das habilidades e estratégias envolvidas nessa compreensão.

A Profa. Dra. Zilda A. P. Del Prette fará uma síntese dos resultados de pesquisa e, em particular, de pesquisa-intervenção sobre relações interpessoais e habilidades sociais de professores e alunos de diferentes níveis e modalidades de ensino, que vem desenvolvendo ao longo dos últimos 20 anos. Abordará aplicações e implicações dessas pesquisas sobre a formação e atuação de psicólogos e de professores para o questionamento e revisão da função social e do projeto pedagógico das escolas, bem como para o reexame de questões pertinentes às dificuldades de aprendizagem e ao sucesso escolar.

Habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem: perspectivas na articulação pesquisa-prática

Zilda A. Pereira Del Prette
Universidade Federal de São Carlos

O atual interesse pelos temas inteligência emocional, inteligências múltiplas e relações interpessoais têm colocado muitas desafios e propostas tanto para a Educação quanto para os psicólogos envolvidos com a pesquisa e a prática educacional. Os desafios envolvem questões conceituais, metodológicas e empíricas a requerem investimento e criatividade em pesquisa, especialmente no âmbito da escola pública, receptora da maior parte das crianças em idade escolar. As propostas, resultantes de estudos teóricos e empíricos, apontam para algumas alternativas, incluindo a necessidade de revisão da prática pedagógica e de maximização dos produtos socialmente relevantes da educação escolar, juntamente com a noção de que eles não podem ser dissociados da produção de novos conhecimentos.

Conforme se defendeu em outro trabalho, o atual espectro teórico-prático do Treinamento de Habilidades Sociais (THS) possui componentes com razoável proximidade ao que Gardner denominou de inteligências intra e interpessoal. Isso alarga a visão sobre o THS para além do sentido meramente instrumental (ferramenta de intervenção) como geralmente se supõe, possibilitando tomá-lo, também, em sua dimensão teórica, como diretriz orientadora para a pesquisa e a prática no campo educacional. Na Universidade Federal de São Carlos, mais precisamente no Laboratório de Interação Social (LIS), desenvolvemos um programa de pesquisa com vários projetos interrelacionados que podem ser aqui referidos, sinteticamente, a temáticas como construção de instrumentos de avaliação do desempenho interpessoal, caracterização do repertório social de crianças em fase inicial de escolarização, relação entre a competência social e a aprendizagem escolar e entre dificuldades de aprendizagem e a qualidade das relações interpessoais, análise de habilidades sociais educativas de pais e professores, habilidades sociais e educação especial, análise de condições interativas de sala de aula, avaliação das representações dos professores sobre a relevância de habilidades sociais como objetivos educacionais, aperfeiçoamento de programas de desenvolvimento interpessoal de professores e de alunos. Essas temáticas têm sido exploradas tanto no âmbito do ensino regular e especial, como da educação informal (familiar, programas especiais etc.) e do ensino de terceiro grau.

Nesta oportunidade, pretende-se discutir os resultados e implicações, para a articulação pesquisa-prática em Psicologia Escolar, de dois projetos recentemente concluídos pelos autores.

No primeiro estudo foi examinada a relação entre *déficits* de habilidades sociais (HS) e dificuldades de aprendizagem, elaborando-se uma metodologia de avaliação (instrumentos e procedimentos) que vem sendo utilizada em novos projetos e que tem sido útil para a consecução de outros objetivos de pesquisa nessa temática. Os principais resultados mostraram que: a) as crianças com DA foram avaliadas e se auto-avaliaram como apresentando significativamente mais dificuldades interpessoais do que as crianças NDA em todas as medidas efetuadas, exceto as de auto-avaliação de itens específicos e em alguns aspectos estruturais da análise das interações sociais diretamente observadas; b) os diferentes informantes apresentaram consistência na avaliação mais desfavorável às crianças DA, mas as avaliações do professor foram ainda mais desfavoráveis que as próprias auto-avaliações das crianças DA, ocorrendo o oposto com crianças NDA; c) embora os escores globais de auto-avaliação em itens específicos não apresentassem diferenças significativas entre os dois grupos, as crianças DA apresentaram maior desvantagem naqueles itens relacionados à aprendizagem acadêmica (por exemplo, fazer e responder perguntas, pedir ajuda etc.) bem como indicadores de que seus *déficits* interpessoais afetaram também áreas sócio-emocionais como o autoconceito e a auto-estima. Foi elaborado um Inventário Multimídia de Avaliação de Habilidades Sociais para Crianças, que vem sendo objeto de análise psicométrica e de estudos adicionais na área (por exemplo, para a obtenção dos padrões interpessoais normativos dessa população).

No segundo estudo, investigou-se, através de *survey* sobre as representações e ações de professores da rede pública da cidade, indicadores da necessidade e possibilidade de implantação de um currículo de habilidades sociais

na escola. Dentre os principais resultados verificou-se que mais de metade dos respondentes relatou a ocorrência de conflitos interpessoais semanais como ameaças, agressão física, gritos, xingamentos e discussões entre os alunos e reclamações de agressão diárias e uma média de 5 a 6 alunos agressivos, e outros tantos dependentes, em cada classe. Entre as estratégias relatadas para lidar com os conflitos e melhorar as relações interpessoais verificou-se que, conquanto a maioria utilizasse alguns recursos potencialmente efetivos houve também uma alta incidência de resultados pouco ou nada efetivos. O instrumento previa uma lista de possíveis habilidades sociais dos alunos, prováveis de ocorrerem no ambiente educacional, sendo todas valorizadas acima do ponto médio da escala anexada, com os escores mais altos recaíndo nos desempenhos pró-sociais (boas maneiras, cooperar, compartilhar, desculpar-se, ouvir o outro, pedir favor ou ajuda fazer e responder perguntas) que os professores em geral relataram estar tentando desenvolver no educando e os mais baixos nas habilidades de enfrentamento em situações potencialmente conflituosas (expressar desagrado, discordância, corrigir informação, negociar, discordar etc.), relatadas como objeto de investimento por menos de 50% deles. Os dados refletem uma preocupação com o desempenho em sala de aula mais do que com a preparação para a vida social (incluindo lidar com situações que podem ser geradas por ou levar à violência) mas sugerem também uma representação favorável à implantação de um currículo de habilidades sociais nas escolas investigadas, destacando-se, aqui, uma relativa disposição e interesse dos professores em propostas desse tipo, considerando possíveis ganhos adicionais como por exemplo, a diminuição de conflitos interpessoais.

Com base nos dados obtidos, discute-se a articulação pesquisa-prática em Psicologia Escolar, especialmente os novos desafios, perspectivas e encaminhamentos nessa área, que estão sendo abordados em projetos de pesquisa e de serviços de extensão universitária no ensino regular e no ensino especial. Defende-se a relevância de considerar as relações interpessoais na escola como uma das alternativas para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem e para a ampliação dos produtos formais e informais da educação escolar.

Palavras-chave: Habilidades sociais, desenvolvimento interpessoal, dificuldades de aprendizagem, função social da escola, formação de professores, prática pedagógica.

O Psicólogo Escolar e os impasses da educação

Sandra Francesca Conte de Almeida

Universidade de Brasília

Desenvolvo, há alguns anos, pesquisas cujo foco privilegiou, inicialmente, as questões teóricas ligadas ao fracasso escolar e aos problemas de aprendizagem, tendo como referencial as teorias psicogenéticas do desenvolvimento e da aprendizagem. Ao longo desses projetos, a formação e as funções do psicólogo escolar foram sendo investigadas, visando apreender as concepções desse profissional sobre o processo ensino-aprendizagem e suas práticas e/ou intervenções psicológicas na escola. Os estudos apontam para uma realidade pouco promissora: a formação acadêmica em psicologia escolar é, de forma geral, considerada inadequada e não priorizada na grade curricular; parece dominar, ainda, o consenso de que há uma dicotomia entre teoria e prática; os estágios são realizados nas mais diferentes abordagens e visando a objetivos muitas vezes descontextualizados da realidade sócio-cultural; a identidade profissional do psicólogo escolar parece situar-se *entre dois modelos*, oscilando de forma pendular *entre o clínico* (de caráter curativo-terapêutico) e *o preventivo* (de caráter mais educacional ou pedagógico). Estes dados, que são recorrentes, desafiam a imaginação e, mais do que isto, apontam para uma questão crucial, muito debatida, mas cuja resposta parece-me ainda distante de um consenso teórico-prático e, sobretudo, ausente (ou vacilante) nos discursos e nas práticas daqueles que, no cotidiano das escolas, tentam, de alguma maneira, justificar as suas ações: *por que um psicólogo, na escola, neste final de milênio? Ou, ainda, para que um psicólogo, na escola? Ou, o que tem feito o psicólogo, na escola, diante dos impasses da educação, na modernidade? Se não tenho soluções prontas para indagações tão impertinentes, venho, no entanto, percorrendo algumas pistas e possibilidades que me têm estimulado a pensar a questão sob novas perspectivas: a da articulação entre as teorias psicológicas*

e a constituição do sujeito e de sua subjetividade, tal como concebida pela teoria psicanalítica. Esta perspectiva abre novos caminhos para se pensar a formação e a atuação do psicólogo escolar, na contemporaneidade. Meu objetivo é discutir algumas questões no âmbito dessa articulação (possibilidades e impasses), no que concerne à inserção e à identidade profissional do psicólogo, na escola.

Os estudos sobre criatividade e sua utilização no desenho de estratégias educativas

Albertina Mitjáns Martínez

*Pesquisadora Associada da Universidade de Brasília
Professora Titular da Universidade de Havana*

O objetivo central do trabalho será realizar uma análise crítica de como a produção científica na área da criatividade está sendo utilizada no contexto educativo e discutir possíveis estratégias de ação para conseguir resultados mais visíveis no que diz respeito ao desenvolvimento da criatividade e da inovação no contexto escolar.

Inicialmente será apresentada uma revisão da pesquisa na área da criatividade, suas aplicações na Educação, e os principais resultados obtidos. Seguidamente será feita uma análise crítica da situação atual e especialmente, das barreiras que impedem avanços mais significativos neste campo.

A partir dos trabalhos de pesquisa e de intervenção da autora se levantarão hipóteses sobre as vias que poderão vir a ser mais efetivas para consolidar a relação pesquisa-prática educativa na área da criatividade. Especial atenção será dedicada à análise do processo de formação de professores e às possíveis ações a serem realizadas, tanto para o desenvolvimento de suas possibilidades criativas, quanto ao desenvolvimento de habilidades e estratégias didáticas para que possam contribuir a desenvolver a criatividade no seus alunos.

Finalmente, a partir de uma reflexão sobre as interfaces entre Psicologia e Educação, será discutido o papel dos psicólogos tanto na sua condição de produtores de conhecimento quanto na sua condição de agentes de mudanças, no desenvolvimento da criatividade e da inovação na instituição escolar.

Resiliência e vulnerabilidade de crianças em situação de risco social e pessoal: estudo longitudinal com crianças pobres

Sílvia Helena Koller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Estudo longitudinal, com base teórico-metodológica da Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, que tem como objetivo geral investigar aspectos de resiliência e vulnerabilidade de crianças em situação de risco social e pessoal. Os objetivos específicos consistem em avaliar a rede de apoio social e afetiva, bem como aspectos individuais como competência social, empatia, percepção de controle, inteligência, desempenho acadêmico e representação mental da relação de apego. O projeto visa, também, a avaliar os indicadores de risco e de proteção presentes no relacionamento mães-filhos, que possam ter influência no desenvolvimento. Visa, ainda a confeccionar e disponibilizar uma base de dados da pesquisa, bem como subsidiar programas de prevenção e intervenção junto a crianças e famílias em situação de risco social e pessoal. Foi realizada a primeira etapa do estudo longitudinal. Observou-se que a rede de apoio social e afetiva destas crianças não difere daquela de crianças em geral, embora os eventos de risco estejam presentes no seu ambiente. Houve correlação significativa entre as variáveis competência social, empatia, e representação mental da relação de apego, sendo que crianças mais competentes apresentam respostas mais empáticas e melhores indicativos de boa representação mental de apego. Houve,

ainda, correlação entre as variáveis percepção de controle, inteligência e desempenho acadêmico, sendo que crianças mais inteligentes e com percepção de controle, apresentam melhor desempenho acadêmico. Foram investigados os indicadores de risco e de proteção presentes no relacionamento mães-filhos, revelando que apresentam influência no desenvolvimento. As características individuais e a rede de apoio social e afetiva protegem as crianças, e os riscos influenciam negativamente no desenvolvimento delas. Não é possível ainda afirmar que estas crianças sejam resilientes ou vulneráveis, baseados em uma primeira coleta de dados, sendo necessário a continuidade do estudo, com novas etapas de coleta de dados e análises mais aprofundadas. Os dados obtidos nesta pesquisa vem subsidiando o trabalho da escola, no sentido de conhecer melhor o seu aluno(a) e de melhorar a qualidade de vida destes e dos próprios integrantes do contexto ecológico escola. Muitas questões estão em aberto, especialmente por se tratarem de uma população em risco (por exemplo: comunidade violenta, uso de drogas, violência doméstica) que precisam ser tratadas a medida que aparece no contexto da escola. O CEP-RUA (Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos(as) de Rua) tem trabalhado em Capacitação e Assessoria das escolas e instituições para subsidiar programas de intervenção e acompanhar o cotidiano das mesmas.

Palavras-chave: desenvolvimento em situações de risco, pobreza, competência social, redes de apoio social, resiliência e vulnerabilidade.

Análise de uma experiência de parceria inter-institucional: possibilidades, limites e implicações para a pesquisa

**Ana Cecília de Sousa Bastos, Darci Neves Santos
Mirela Santos Figueiredo e Miriã Ramos Alcântara**
Universidade Federal da Bahia

O trabalho desenvolvido pela Fundação Cidade Mãe – FCM (Prefeitura Municipal de Salvador) representa uma nova concepção de assistência, incorporando-se estratégias que enfatizam a promoção da cidadania no trabalho com a infância e a adolescência. Destacam-se especialmente as iniciativas, no âmbito das Casas de Acolhimento (Casa de Oxum e Casa D. Timóteo), dentro de um programa de reforço escolar, que possibilitam uma aproximação efetiva quanto ao conhecimento da realidade comportamental dos meninos (leia-se meninos e meninas), na relação cotidiana em que se constroem vínculos, trabalham-se limites e regras, estabelecem-se pontes mediando o domínio da instrução básica e de regras de convivência capazes de munir meninos e meninas de condições mínimas que lhes permitam romper barreiras sociais, superando condições potencialmente danosas a seu desenvolvimento e ampliando possibilidades de resignificar e redirecionar suas trajetórias de vida.

Numa parceria envolvendo a FCM e a UFBA (Instituto de Saúde Coletiva & Departamento de Psicologia), desenvolveu-se, ao longo de 15 meses, o projeto *Educação para a Cidadania, Saúde e Qualidade de Vida. Uma proposta de intervenção em saúde do adolescente*. A articulação prática-pesquisa era definidora no projeto, expressando-se na demanda da FCM no sentido de sistematização de práticas e caracterização da realidade dos meninos e integrando-se às linhas de pesquisa dos docentes participantes: o estudo da estruturação cultural dos contextos de desenvolvimento e de processos de socialização na infância e na adolescência, com particular interesse sobre aspectos ligados a risco e proteção, vulnerabilidade e resiliência, focalizados numa perspectiva ora epidemiológica ora etnográfica. Interesses diferenciados dos pesquisadores articularam-se, ao longo do processo, à reflexão sobre modos particulares pelos quais se expressam, são percebidas e enfrentadas condições de risco e proteção na infância e adolescência, quando se trata de meninos e meninas vivendo em situações difíceis.

A proposta contida no título do Projeto adquiriu maior densidade, na medida em que o confronto com a prática delimitou e contextualizou as noções de *cidadania, saúde e qualidade de vida* no concreto da ação pedagógica, da relação educador-menino e da realidade social e comportamental dos meninos. Nesse contexto é que se afirmou a

prioridade das seguintes tarefas: (a) análise, sistematização e avaliação de práticas em curso; (b) diagnóstico amplo da realidade pessoal (social, ecológica e comportamental) do menino, considerando dois grupos com diferentes trajetórias de risco. A construção da resiliência foi a chave conceitual aqui, orientando nosso olhar para as dimensões que a definem: habilidades sociais favoráveis, recursos sociais, contextuais, pessoais; (c) análise da natureza da relação pedagógica a partir de conceitos básicos como formação de vínculo, protagonismo, diálogo.

No curso do projeto, esses conceitos aparecem com maior amplitude, na formulação de um diagnóstico abrangente, incluindo aspectos qualitativos e quantitativos e integrando saúde, desenvolvimento humano e qualidade de vida (de meninos e educadores) em um complexo indissociável, enquanto objetivos. Destacam-se aí as idéias de promoção, compatível com a noção de vigilância à saúde: atenção aos problemas já instalados, mas também às competências, e pensar a longo prazo. Em termos estratégicos, trabalhou-se em torno de dois eixos principais: a *formação de pessoal* (noções de saúde e desenvolvimento humano; natureza da relação pedagógica; um currículo mínimo que explicita e fortaleça o projeto educativo em curso) e a *promoção do desenvolvimento, saúde e qualidade de vida* (desenvolvimento de competências, numa perspectiva do ser humano integral, análise do repertório e das trajetórias de vida dos adolescentes no concreto de seu cotidiano, e monitoração do processo pelo conjunto dos atores envolvidos, inclusive os adolescentes).

Durante esse período, foram registrados, em diários de campo e/ou em protocolos especialmente elaborados, dados referentes a: (1) interações meninos-meninos, meninos-educadores (das Casas e estagiários); (2) relatos – produzidos em situação de grupo e por vezes individualmente – focalizando condições percebidas de risco ou proteção, e episódios de enfrentamento destas; (3) relatos de educadores produzidos em situação de grupo, por vezes no formato de grupos focais. Dos três relatórios elaborados no período, destacam-se dois conjuntos de dados e reflexões ora propostos para discussão. O primeiro trata das condições em que se constrói uma parceria dessa natureza, identificando convergências e divergências quanto aos objetivos do trabalho, idéias sobre desenvolvimento e educação, limites e possibilidades do espaço institucional de atuação (universidade ou organizações). O segundo analisa o menino em contexto, incluindo dados de sua situação na família, comunidade e rua, sua inserção e percurso no espaço institucional e modificações então constatadas na qualidade da interação e no redirecionamento de projetos de vida.

Palavras-chave: Desenvolvimento em condições de risco, Resiliência-Vulnerabilidade, Atenção à infância e à adolescência, Parcerias inter-institucionais.

Material: Retroprojektor.

Esse trabalho contou com o apoio do UNICEF. Foram participantes, como estagiários, 6 alunos dos cursos de Psicologia e Pedagogia, e 3 bolsistas de iniciação científica, PIBIC – CNPq/UFBA.

Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar

Raquel Souza Lobo Guzzo
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

O sistema educacional no Brasil, da Educação Infantil ao Ensino Médio, tem se apresentado com inúmeros problemas e graves conseqüências sociais: crianças fora da escola, violência e marginalização, grande distorção idade /série, dificuldades de aprendizagem e evasão. Esta realidade demonstra que o Brasil pouco fez para atender ao princípio da Educação Básica para todos durante esta última década do século vinte. Sem conseguir resolver problemas fundamentais da educação, entra no próximo milênio com uma das piores realidades educacionais se comparado com a de outros países, sem estatísticas confiáveis e com um grande número de crianças e adolescentes não escolarizados. Muitos profissionais da Educação e outros a ela relacionados, tem procurado diminuir a incidência destes problemas com intervenções de caráter remediativo e terapêutico, modelo de atuação profissional

que não se sustenta mais nos dias de hoje e na perspectiva de futuro. A escola do futuro não será uma escola tecnológica mas um espaço institucional em que alunos e professores possam se desenvolver, aprender a viver e exercer a cidadania. Um espaço em que a motivação para aprender supere o currículo proposto, em que diferenças e necessidades individuais sejam supridas em seu contexto. Esta escola, pelo menos para o Brasil, ainda está longe de ser implementada, seja pelo descaso em que este assunto vem sendo adotado nas esferas sociais do poder instituído como também da falta de indignação da sociedade civil. A Psicologia Escolar como área de atuação profissional neste contexto, deve responder a este desafio assumindo um modelo de formação que adote o paradigma da psicologia positiva longe do fracasso, das dificuldades e da ineficácia. Mudar o enfoque na compreensão, avaliação e intervenção dentro deste sistema significa construir uma nova proposta de formação profissional capaz de habilitar o psicólogo a trabalhar com políticas públicas, a conscientizar pais e professores sobre necessidades básicas de crianças e adolescentes, mobilizar a comunidade educacional em torno de propostas de intervenção e se utilizar de recursos da comunidade. O psicólogo escolar para o próximo milênio deverá ajudar a construir a revolução educacional, aquela que devolverá à escola o seu verdadeiro papel de espaço institucional para o desenvolvimento integral. (CNPq)

Representações sociais no processo ensino-aprendizagem

Eliana Martins da Silva Rosado

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

O trabalho com novas tecnologias como um dos atuais e necessários recursos de ensino, habitualmente cobre espaços relativos à uma melhor compreensão dos processos de natureza cognitiva mobilizados na aquisição de conhecimentos. Atuando numa linha cognitivista europeia, pôde-se constatar que a presença de tecnologias (vídeo, computador) em contexto educacional provocam posicionamentos por parte de alunos e professores. Tais posicionamentos se revelaram profundamente marcados por crenças, "teorias implícitas" sobre como se aprende-ensina, definindo status e função desses recursos, com frequência reticentes frente à presença dessas tecnologias nesse contexto. Vista na ótica mais individual do micro-sistema da sala de aulas, a mobilização de tais estruturas tem se mostrado variável com poder de profunda intervenção dentro do processo ensino-aprendizagem: por parte do professor que deve se apropriar da tecnologia e, para tanto, rever e atualizar um grande conjunto de "modelos" de funcionamento que regeram até então suas condutas pedagógicas. Tal esforço acaba, na prática, culminando com o esvaziamento das potencialidades pedagógicas dos recursos uma vez que "adaptados" a um modelo tradicional de ensino. Questões ligadas à capacitação igualmente parecem confrontar-se com obstáculos que provém de campos de representação ativados na situação, comprometendo não só a formação mas colocando em risco o potencial pedagógico das tecnologias no ensino. É exigido do professor que evolua em suas atitudes, mas na prática, o conceito de representação social começa a ser anunciado, sem que tenha sido objeto de intervenções diretas. Quanto ao aluno, evidencia-se a desvinculação dos recursos do processo de aprendizagem, ou identifica-se a função dos mesmos como externa ao contexto de aprendizagem; constata-se o comprometimento do tratamento das informações/aquisições porque fornecidas via tecnologia, ou nota-se a subversão das proposições de atuação com a tecnologia, através da eleição de objetivos para aprendizagem calcados em "modelos" tradicionais e lacunares. Desse modo, tanto um aprofundamento das questões teóricas sobre representações sociais como de suas decorrências metodológicas dentro do referido contexto parecem fundamentais e carecer de ações mais dirigidas para assegurar os trabalhos envolvendo o psicólogo escolar voltado para o processo de aprendizagem.